

Esboço de uma das histórias possíveis do Carnaval brasileiro

Summary of one of the possible histories of Brazilian Carnival

Resumen de una de las posibles historias del carnaval brasileño

Andréa de Castro Costa¹
Arlindo Souza Neto²

Resumo

Costa, A. de C. Esboço de uma das histórias possíveis do Carnaval brasileiro. *Rev. C&Trópico*, v. 48, n. 1, p. 171-184, 2024. Doi: [https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1\(2024\)2259](https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1(2024)2259)

Entrudo, folgado, folia, mascarada, troça e festa momesca, são algumas variações de nomes que utilizamos para nos referir a uma festa mundialmente conhecida e comemorada: o Carnaval. Após percorrer um longo trajeto, desde a Antiguidade, passando pelo período medieval europeu, atravessando temporalidades e oceanos até chegar na América, mais precisamente no Brasil, o carnaval se tornou uma das comemorações mais importantes e simbólicas do ano. Muitas transformações aconteceram (e ainda acontecem), fazendo com que a festa se adeque às diferentes temporalidades e localidades. De início era uma prática entre famílias, mas ganhou novas características, tornando-se uma festa de rua, considerada pela igreja católica como profana. Neste ensaio destacamos o caráter elitista da origem do Carnaval no Brasil e seu papel enquanto elemento que reproduz as hierarquias sociais, mas também, como um elemento disruptivo, mostrando-se como uma festa que também privilegia as culturas populares. Em suma, propomos uma breve apresentação histórica (das possíveis) do Carnaval no Brasil.

Palavras-chave: Carnaval. Brasil. Festas. Cultura. Sociedade.

Abstract

Costa, A. de C. Summary of one of the possible histories of Brazilian Carnival. *Rev. C&Trópico*, v. 48, n. 1, p. 171-184, 2024. Doi: [https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1\(2024\)2259](https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1(2024)2259)

Entrudo, revelry, revelry, masquerade, mockery and momesca festival, are some variations of names that we use to refer to a worldwide known and celebrated festival: Carnival. After covering a long journey, from Antiquity, through the European medieval period, crossing temporalities and oceans until arriving in America, more precisely in Brazil, carnival has become one of the most important and symbolic celebrations of the year. Many transformations took place (and still happen), making the party adaptable to different temporalities and locations. Initially it was a practice between families, but it gained new characteristics, becoming a street party, considered by the Catholic Church as profane. In this essay we highlight the elitist character of the origins of Carnival in Brazil and its role as an element that reproduces social hierarchies, but also as a disruptive element, showing itself as a party that also privileges popular cultures. In short, we propose a brief historical presentation (of the possible ones) of Carnival in Brazil.

Keywords: Carnival. Brazil. Parties. Culture. Society.

Resumen

Costa, A. de C. Resumen de una de las posibles historias del carnaval brasileño. *Rev. C&Trópico*, v. 48, n. 1, p. 171-184, 2024. Doi: [https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1\(2024\)2259](https://doi.org/10.33148/CETROPv48n1(2024)2259)

Entrudo, juerga, jolgorio, mascarada, burla y fiesta momesca, son algunas variaciones de nombres que utilizamos para referirnos a una fiesta mundialmente conocida y celebrada: Carnaval. Luego de recorrer un largo viaje, desde la Antigüedad, pasando por el período medieval europeo, atravesando temporalidades y océanos hasta llegar a América, más precisamente a Brasil, el carnaval se ha convertido en una de las celebraciones más importantes y simbólicas del año. Se produjeron (y se siguen produciendo) muchas transformaciones que hicieron que el partido se adaptara a diferentes temporalidades y ubicaciones. Inicialmente era una práctica entre familias, pero adquirió nuevas características, convirtiéndose en una fiesta callejera, considerada por la Iglesia Católica como profana.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH). E-mail: castrodea29@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9348-9718>

² Sociólogo, Mestre e Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é bolsista de Pós-doutorado (CAPES) e docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) da UERN. E-mail: arлиндosociologo@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8033-2504>

En este ensayo destacamos el carácter elitista de los orígenes del Carnaval en Brasil y su papel como elemento reproductor de jerarquías sociales, pero también como elemento disruptivo, mostrándose como una fiesta que también privilegia las culturas populares. En definitiva, proponemos una breve presentación histórica (de las posibles) del Carnaval en Brasil.

Palabras clave: Carnaval. Brasil. Fiestas. Cultura. Sociedad.

Data de submissão: 09/03/2024

Data de aceite: 16/05/2024

1. O Carnaval de mudanças

No Brasil, o Carnaval se tornou uma festa que reúne pobres e ricos, brancos e negros, e onde as culturas regionais se misturam. É uma das festas mais populares, sendo considerada inclusive a maior festividade do ano. Sua longevidade vem desde a antiguidade, sobrevivendo aos entraves com a igreja cristã, atravessou o oceano e se estabeleceu nas Américas.

O carnaval se firmou como tradição e é uma das mais importantes festas do nosso país e, sem dúvidas, é um riquíssimo festejo, mediante o qual podemos analisar questões que envolvam aspectos importantes da nossa sociedade, como as desigualdades étnico-sociais, a miscigenação de culturas, os dogmas religiosos, as relações de poder da igreja perante a sociedade, e, sobretudo, a originalidade brasileira.

A origem do nome carnaval, de acordo com José Carlos Sebe (1986), deriva do baixo latim *carne levamen* que significa “adeus à carne” ou “prazer da carne”. Esse termo está ligado ao fato de a festa ser atrelada ao período da Semana Santa, que tem por entendimento o sacrifício de se abster da carne. O carnaval termina na noite anterior à Quarta-feira de Cinzas, início da Quaresma cristã, período que não se come carne, e que termina no domingo de Páscoa.

No fio histórico que liga a possível origem do carnaval até os dias de hoje, existem variações no modo de festejá-la e que podem ser analisadas em um longo encadeamento de histórias que a envolve. O sentimento de êxtase, a subversão das regras, a quebra de normas da civilidade, a libertação dos desejos libidinosos e os exageros alcoólicos, no entanto, não poderiam, somente, decodificar o carnaval como fenômeno que perpassou civilizações em diversas temporalidades (Costa, 1930). O carnaval teve suas primeiras manifestações na Antiguidade, podendo ser considerada uma das festas mais antigas da humanidade. As primeiras manifestações teriam sido percebidas durante festejos um tanto fora do comum, em relatos de egípcios e na Roma Antiga.³

No senso comum, quando se fala de Carnaval, é comum associar essa festa à abundância de bebida, dança, música e de libertação dos desejos sexuais. Festas como as

³ “Na Grécia e na Roma Antiga, as festas deixavam transparecer o culto aos prazeres, e uma permitida alteração da ordem marcava a mudança da rotina. Este era ‘um tempo extraordinário, e os desrecales eram consentidos. No mesmo sentido de obediência às das festas do ano, ciclicamente as festividades às transformações eram ajeitadas no calendário” (SEBE, 1986, p. 11).

Luperciais⁴, Bacanais⁵ e Saturnais⁶ que implicam atitudes libertadoras e que eram reprimidas no seu tempo normal na Antiguidade, podem ser associadas ao Carnaval vivenciado no século XXI. Diante disso, é sabido que as primeiras manifestações dessa festa poderiam ter sido vivenciadas a partir desse período, diante das análises históricas produzidas até o momento, como, por exemplo, Bakhtin (1987) que define o Carnaval da Idade Média como um “triunfo de uma espécie de libertação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas [...]” (Bakhtin, 1987, p. 8). A celebração do reinado de Momo sob o regime feudal é percebida pelo povo como uma oportunidade de viver uma outra vida, na qual a liberdade e a abundância lhes eram concedidas temporariamente. Contrapondo as festas oficiais, o Carnaval promovia um contato livre entre a população que era, no cotidiano, separado pelas condições sociais de cada um dos grupos sociais vigentes⁷.

No Brasil, o carnaval data de pelo menos três séculos e teria passado por muitas modificações. Os primeiros registros de atividades carnavalescas começam no período colonial com a chegada do Entrudo, que vem de *Introitus*, que quer dizer entrada. Em sociedades tipicamente agrárias, essa festa está ligada à entrada da primavera, ou à entrada/chegada de um novo ano, simbolizando a renovação da natureza. É também o período que antecede o início da Quaresma, de acordo com o calendário cristão.

Esse festejo, de origem portuguesa, que chegando ao Novo Mundo com os colonizadores, teria se estabelecido no nosso território e reinado sozinho por um tempo, foi, pouco a pouco se tornando um carnaval burguês, uma outra versão da festa onde os bailes de máscaras e os desfiles com as alegorias separavam o carnaval do rico e do pobre. Aos poucos, esse tipo de festa foi tomando o lugar do Entrudo.

Essa festa chega ao território sul-americano nas caravelas portuguesas, carregadas de contribuições culturais europeias e africanas. As metamorfoses, que ocorreram no carnaval, no entanto, quando analisadas, nos possibilitam compreender os diferentes modelos que a festa

⁴ “As Luperciais eram festejos que celebravam em honra de deus grego Pã (Fauno, para os romanos). Estas festas se repetiam anualmente no dia 15 de fevereiro” (SEBE, 1986, p.14).

⁵ “As Bacanais eram inspiradas em uma peça teatral clássica *As bacantes* que representavam “as transformações do convencional implica a montagem de um espaço fantástico onde o ‘não-comum’ agia como elemento transformador e, se delicioso, condenável” (SEBE, 1986, p. 13).

⁶ “Os sete dias Saturnais eram escolhidos entre 17 e 23 de dezembro, e a ordem nesta semana era viver alegremente, comer muito e extroverter os instintos regulados durante o “tempo ordinário” do ano” (SEBE, 1986, p. 16)

⁷ “Contrapondo com a excepcional hierarquização do regime feudal, com a extrema compartimentação em estados e corporações na vida diária, esse contato livre e familiar era vivido intensamente e constituía uma parte essencial da visão carnavalesca do mundo. O indivíduo parecia dotado de uma segunda vida que lhe permitia estabelecer relações novas, verdadeiramente humanas, com os seus semelhantes. (...) O ideal utópico e o real baseavam-se provisoriamente na percepção carnavalesca do mundo, única no gênero” (Bakhtin, 1987, p. 9).

perpassou até originar o Carnaval popular brasileiro, que contou com contribuições do antigo Entrudo, do Carnaval burguês e da cultura afro-brasileira.

Originalmente, o Entrudo era uma festa de famílias, festejada entre parentes e grupos da vizinhança, contudo, no Brasil, essa comemoração passa a ser marginalizada. De acordo com Queiroz (1992), alguns documentos relatam denúncias contra esse modelo de festa, ainda no período colonial, que por vezes tinha a presença de negros e mulatos livres, participando fantasiados. Diante disso, é notável que as divisões sociais e os preconceitos étnicos eram uma das características que pairavam na festa.

Essa presença passou a gerar descontentamento perante as classes mais abastadas da sociedade brasileira, que queriam participar do Carnaval, mas não com as características do Entrudo de então, que a essa altura, era considerado uma festa de escravos. Em decorrência desse sentimento, parte da população solicita às autoridades um espaço que fosse dedicado a esse festejo, e é a partir daí que começam as ideias dos cordões e blocos, separando a massa popular da elite. Uma das iniciativas é a elaboração dos cursos,⁸ que eram realizados por meio de escoltas policiais, conforme Tinhorão (2005), onde os ricos desfilavam, organizadamente, em alegorias, e o povo na rua eram afastados para as calçadas deixando a passagem livre. Essas ações eram realizadas com um único objetivo: as classes mais abastadas desfilavam a fim de exibir seu capital simbólico à população pobre da sociedade.

Outra iniciativa a ser destacada foi a dos bailes fechados. Ainda durante o reinado de D. Pedro II, o Entrudo foi perdendo lugar para o modelo de carnaval veneziano, que se espalhava pelas cidades do país. O carnaval burguês tinha como organizadores, associações e clubes de cunho elitista que tinham como modelo o carnaval europeu veneziano. O primeiro sinal de mudança data de 1840, quando os jornais anunciam um baile de máscaras, baseando-se no modelo europeu que seria realizado no Hotel Itália, no Rio de Janeiro (Queiroz, 1992). O baile repercutiu com sucesso entre a sociedade graças a imprensa local que propagava com entusiasmo o modelo rico de carnaval contra o Entrudo. Posteriormente, esses bailes ficaram sendo reconhecidos como o Grande Carnaval, destinado às classes superiores.

O Grande Carnaval acontecia à noite, em teatros ou clubes, com os bailes de máscaras cujas entradas eram pagas. Mesmo assim, é um sucesso que acaba tomando o espaço do Entrudo que desaparece nas grandes cidades brasileiras. Restou ao público brincante da classe baixa, enquadrarem-se e planejarem um estilo mais organizado de festejar, pois o velho Entrudo estava sendo perseguido pela polícia. Diante disso, blocos e cordões populares

⁸ “Termo italiano adotado para o desfile de carros no início, e, em seguida, de automóveis, que se fazia nas ruas principais da cidade” (Queiroz, 1992, p. 15)

passam a desfilar nas ruas, primeiramente nos bairros e favelas, depois nos centros urbanos, organizadamente e embalados pelos ritmos e danças africanas, diferenciando-se dos grupos de elite que saem em destaque, sempre colocando à vista sua superioridade (Germano, 1999).

No Pequeno carnaval, ou Carnaval popular, que tinha como público os pobres, as pessoas se fantasiavam e realizavam batalhas de confetes e serpentina. As músicas que embalavam os festejos faziam parte da herança cultural africana, que era um outro aspecto que os diferenciavam do Grande Carnaval onde a orquestra que compunha os bailes, tocavam o que vinha da Europa como as valsas, polcas, xotes. (Queiroz, 1992).

Os ranchos eram organizações populares que desfilavam pelas ruas da cidade, semelhante à estrutura das futuras Escolas de Samba⁹, conforme Tinhorão (2005). A organização dessa festa chamava a atenção em seus desfiles, pelas fantasias chamativas que usavam, pois eram criativas e coloridas. A forma como dançavam, ao som da “marcha-rancho”, caracterizou esse grupo como original, e as pessoas que faziam parte dos ranchos eram pessoas assalariadas e consideradas de “bem” (Queiroz, 1992).

A vitória dos ranchos, posteriormente chamada de escolas de samba, acontece pelo seu destaque adquirido perante a sociedade nos anos de 1950, fazendo o curso perder espaço e visibilidade. As escolas de samba compõem em suas características modelos dos estratos europeu, africano e até indígena, como destaca Queiroz (1992). Acreditamos que do modelo europeu, tenha-se adotado o estilo de desfilar com as alegorias organizadas, em comissões. As danças e músicas seriam embaladas pela cultura afro, com seus batuques e gingados. As fantasias coloridas, exuberantes, ousadas, algumas vezes remetiam às vestimentas indígenas.

No entanto, Tinhorão (2005) expõe que os desfiles das escolas de samba transformaram-se em palcos de meras competições de alegorias, carregadas de critérios a serem seguidos para orientar nas decisões de um júri, fomentado por interesses econômicos e de prestígio. A privatização da rua transformou a festa de carnaval em um evento capitalista, prevendo sempre lucros econômicos. Ao exigir do folião que “pague para brincar”, seja na compra de ingressos e/ou abadás, o carnaval estabelece um novo perfil que vai contra o pensamento inicial de que “o carnaval não é uma festa que se ofereça; é uma festa que o povo oferece a si mesmo” (Tinhorão, 2005, p. 40). O isolamento e as limitações dos espaços públicos fazem com que o povo perca o único território que tem para festejar: a rua.

Assim, percebemos que o carnaval, desde sua longínqua origem até chegar às Américas, passou por transformações em sua forma e sentido. Primeiro com o Entrudo, que

⁹ “São sociedades civis de cultura e lazer, sem finalidades lucrativas, cujo objetivo principal é organizar, todos os anos, desfiles luxuosos que constituem o essencial dos folguedos carnavalescos atuais. Nascidas no Rio de Janeiro, são hoje imitadas em quase todo o território nacional” (Queiroz, 1992, p. 74).

trazia a essência da festa entre famílias; depois o Grande carnaval levando para o destaque a classe burguesa; e por último o Pequeno carnaval, ou Carnaval popular, que por sua vez traz ao centro da festa as realizações das camadas inferiores ao ensejo das comemorações do Reinado de Momo (Queiroz, 1992).

Nesse sentido, Entrudo e o Carnaval Burguês eram duas formas de festejar incompatíveis, até certo momento da história, pois a segunda levou a primeira a desaparecer. Coexistiram durante algum tempo, cada uma com seu grupo em específico. Em seguida, a substituição do Grande Carnaval pelo Carnaval popular não pode ser comparada ao mesmo caso anterior, já que essas duas modalidades conviveram por mais tempo juntas, porém separadas nitidamente em seus espaços. Este último trouxe consigo características do primeiro, que os complementam.

2. A religião e o Carnaval: o sagrado e o profano

Nesse tópico, vamos apresentar uma análise do carnaval partindo da perspectiva do sagrado e do profano. Desde a Antiguidade, até chegar no Brasil contemporâneo, o Carnaval teria passado por várias mutações até se configurar como um dos maiores espetáculos festivos do mundo.

Os festejos momescos, em seu itinerário, constituíram-se como uma manifestação pagã, mas, por sua essência e representatividade, teriam sobrevivido em meio às comemorações festivas religiosas cristãs, assim ocupando um lugar em seu calendário. O Carnaval assume a forma de uma espécie de “válvula de escape”, onde os desregramentos e os excessos, privados no dia a dia, são permitidos. Existe um sentido nessa concepção, pois esse momento de festejo para o sagrado, culminará em um importante momento de luto e privação, a Quaresma, na Páscoa, festividade importante na vida do sujeito religioso.

O carnaval, a cada ano, torna-se um momento ímpar na vida do homem, que lhe concede, temporariamente, a oportunidade de ceder aos excessos. Na concepção de Sebe (1986), o sagrado pode ser entendido como aquilo que proporciona ao sujeito sair da rotina, mas que seja um momento único naquele tempo e espaço. Para a igreja, esses momentos acontecem com as festividades anuais religiosas, onde uns aglomerados de pessoas saem em procissões e celebrações para reverenciar as divindades.

Diferentes no modo de se manifestarem, as festas consideradas profanas e sagradas, partem do pressuposto de redirecionar os instintos, seja para redimi-los ou soltá-los. Inicialmente, ainda nas saturnais, a festa momesca chegou a ser considerada pela igreja católica como um entretenimento saudável, divertido, que correlacionava a produtividade do

trabalho com os momentos de festejo. Os líderes da igreja agradaram-se com essa perspectiva de celebração, ao ponto de tomar a iniciativa de colaborar com a festa¹⁰.

O Papa Paulo II, no século XV, observando o sucesso que a festa popular promovia, resolveu incorporá-la no calendário cristão, destinando-a uma temporalidade. O Papa Inocêncio II, porém, proibiu a igreja de participar desses movimentos, impedindo padres e freiras de entrarem na festa fantasiados, ou mascarados, como também a realização das comemorações nos interiores dos espaços religiosos (Sebe, 1986).

O próprio Entrudo até um certo momento, antes da inserção participativa de negros escravos e de ter se tornado um encontro brutal e ofensivo, era considerado pelos religiosos uma festa “praticável” pois, como já relatamos, era um festejo que, inicialmente, era realizado entre famílias e vizinhos.

Sebe (1986) complementa a nossa linha de análise quando destaca a presença de aspectos religiosos em festas profanas, como nas escolas de samba brasileiras¹¹. As celebrações estariam perdendo sua simbologia de “gratidão” e tornando-se espaço de inversão de valores e de exageros, que para a igreja católica, estaria sendo o motivo de pôr fim à mascarada (Sebe, 1986). A referência ao carnaval como festa “demoníaca” pela igreja deriva de uma tentativa, falha, de extirpar o evento, e dentre os motivos, seriam as ações que iam contra os dogmas religiosos, que por sinal aconteciam dentro do próprio espaço religioso.

No entanto, os esforços para o término do carnaval foram em vão, pois o máximo que conseguiram foi delimitar a festa em uma temporalidade que fosse atrelada aos controles da igreja. Ao pesquisarmos sobre a relação entre o carnaval e a religião, em especial a católica, percebemos que o uso da imagem do sagrado tem sido utilizado como temas das escolas de samba no Brasil, onde usa-se a figura do divino como enredo, tanto nas letras do samba e como nas alegorias. É importante ressaltar, porém, que, ao abordarmos a religião nas escolas de samba, não estamos restringindo essa discussão somente ao Catolicismo, pois outras vertentes como o Candomblé e a Umbanda, ambas religiões de matriz africana, também fazem parte da construção das escolas, que são mencionadas por elas fazendo o uso de imagens para homenageá-las e assim reforçar a identidade dessas agremiações.

¹⁰ “Paulo IV promoveu, numa terça-feira gorda, um lauto jantar onde compareceu o sacro colégio romano, e o festim regado a vinho pôde ser considerado uma das primitivas celebrações em salão fechado” (SEBE, 1986, p. 25).

¹¹ “[...] como derivação das antigas procissões religiosas, que lhe alargaram o cunho básico: conjugar, num certo cortejo, irmandades, santos em altares móveis, bandas e toda uma rica representação cênica. Sérgio Cabral mostra que a semente das escolas está nas taieiras, que formavam a guarda de honra do altar de Nossa Senhora do Rosário. Este mesmo autor remete a Melo Moraes nas Festas e tradições populares do Brasil, mostrando que, na procissão: “de Nossa Senhora do Rosário, o famoso séquito eram as taieiras de lindas mulatas, vestidas de saias brancas, entremeadas de rendas, de camisas finíssimas e de elevado preço, deixando transparecer os seios morenos, ardentes e lascivos. Um torço de cassa alvejava-lhes a fronte trigueira, enfeitando de argolões de ouro e lacinhos de fitas; ao colo viam-se-lhes trêmulos colares de ouro: e grossos cordões do mesmo metal voltavam-lhes, com elegância e mimo, os dois antebraços, desde os punhos até o torço superior” (SEBE, 1986, p. 65).

Analisemos o desfile da Beija-Flor¹², no ano de 2005, que trouxe como proposta de enredo um fato histórico. O samba teve como título “O vento corta as terras dos Pampas. Em nome do Pai e do Filho, do Espírito Guarani. Sete povos na fé, na dor... Sete missões de amor”, mostrou na avenida a história das missões jesuíticas que propunham catequizar e “civilizar” os indígenas, em sua maioria da tribo Guarani, através da estratégia do governo espanhol de colonizar essas terras.

No desfile, entre as alegorias, fantasias, encenações e música, conseguimos notar algumas referências ao momento histórico ligadas às missões dos jesuítas representando a igreja. Ademais, nos carnavais com blocos a presença do uso de fantasias que trazem elementos considerados sagrados, vinculados ao Catolicismo, como, por exemplo as vestimentas de freiras e padres, são bem comuns entre os foliões.

Nos desfiles das escolas de samba, a proposta de reunir os elementos de diversos segmentos culturais, que compõem a identidade nacional, seja nos batuques da bateria que realça as celebrações de origem afro, os estilos dos antigos ranchos, dos blocos de afoxé, organizado em uma espécie de procissão (semelhantes às das religiões católicas), colocam em evidência a relação do carnaval, cultura e religião. (Menezes; Bártolo, 2019 *apud* Simas; Fabato, 2015, p. 17). Destacamos também a famosa ala das baianas que evidencia claramente a presença religiosa das comunidades negras, que desde 1870, vem trazendo o candomblé através dessa representatividade nas escolas. (Menezes; Bártolo, 2019, p. 4)

Em 2016, tivemos outra apresentação de escola de samba que trouxe o aspecto religioso para avenida como enredo, que foi a Renascer de Jacarepaguá¹³ com o título “Ibejís – Nas brincadeiras de crianças: os orixás que viraram santos no Brasil”¹⁴. A proposta do enredo foi de construir uma narrativa que representasse o sincretismo religioso dos orixás com os santos católicos, neste caso dos Ibejis, que no Brasil ficou conhecido como Cosme e Damião, irmãos gêmeos que eram médicos e que faziam milagres de cura sem cobrar pelos serviços. São também conhecidos como os protetores das crianças.

Como podemos perceber até aqui, as celebrações carnavalescas misturam-se, com frequência, aos aspectos religiosos o que, por vezes, acaba por gerar desacordos. Em 2016,

¹² Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis, escola de samba do Rio de Janeiro que desfila desde 1949.

¹³ Grêmio Recreativo Escola de Samba Renascer de Jacarepaguá é uma escola de samba da cidade do Rio de Janeiro, fundada em 2 de agosto de 1992.

¹⁴ “Cosme e Damião foram acionados para mediar a negociação entre a vontade do presidente e a especialidade do carnavalesco, atuando no enredo como uma espécie de dobradiça semântica ao articular os universos simbólicos e estéticos afro-brasileiro e infantil. Os santos, portanto, foram alçados a protagonistas da narrativa por sua associação com crianças e orixás. O que nos sugere como o enredo carnavalesco opera acionando, transformando e reinventando campos semânticos, nos quais os santos eram articulados às ideias de infância, Rio de Janeiro, história, africanidade e cultura e religiosidade popular” (Menezes; Bártolo, 2019, p. 12).

carnavalescos e evangélicos que faziam parte da mesma escola de samba, neste caso a escola Estação Primeira de Mangueira, localizada no Rio de Janeiro, entraram em um conflito¹⁵.

Outro exemplo aconteceu no Bloco Buchada da Adélia, na cidade de Limoeiro do Norte, Ceará, quando o então organizador Jerônimo Osterne teria tido a ideia de prolongar os dias de festejo do bloco por mais um dia. Até então, o grupo desfilava os quatro fins de semana antes do carnaval, de acordo com calendário cristão. A ideia seria realizar o chamado “Caldo da Buchada” que aconteceria no primeiro sábado após carnaval, ou seja, no período da Quaresma. Porém, a Diocese local teria interferido e impedido os planos, como comenta o entrevistado¹⁶.

Diante disso, percebemos a força que a igreja tem, em alguns casos, para controlar ações que possam intervir no seu ritual sagrado, neste caso, a Quaresma. Contudo, a força social do Carnaval é intensa, tanto que a igreja não teve como interrompê-la por completo, no entanto, soube administrá-la e encaixá-la em um esquema que pudesse ao menos, controlá-la.

O Brasil é um território que foi construído a partir do sincretismo do catolicismo e das religiões afro, e a partir disso construímos nossa história dentro dessas associações, que refletem em nossa cultura e identidade nacional¹⁷. A festa de carnaval propõe um estilo de vida fora dos moldes impostos pelas normas sociais, além de ir contra os regramentos que a igreja solicita ao religioso seguir. Essa utopia de uma vida diferente em que se é vivenciada no carnaval é comentada por Borges (2007, p. 32 *apud* Bakhtin, 1987) quando se fala que apesar de o cristianismo ter se apropriado do ideal utópico de renovação do Carnaval, essa festa ainda se situa para além da cultura cristã. Como fenômeno sociocultural, o Carnaval, com sua ideia de renovação e de liberdade, imprime uma contestação à ordem estabelecida e não para à manutenção do *status quo*.

Podemos observar, com base nessa dinâmica, que o Carnaval não busca oferecer ao brincante, mesmo que temporariamente, as características de um tempo “bom”, e sim

¹⁵ “Em agosto de 2016, quando ainda buscávamos oportunidades de realizar um trabalho de campo na Mangueira, noticiou-se que um empresário evangélico, vinculado à igreja batista e apoiador financeiro da Império Serrano ameaçara abandonar a agremiação caso ela apresentasse um enredo “espírita” - isto é, de temática religiosa afro-brasileira. A declaração do patrono de uma das mais tradicionais escolas provocou um caloroso debate, envolvendo sambistas e diversos agentes ligados à festa, sobre o lugar da religião nas escolas de samba e seus desfiles” (Menezes; Bártolo, 2019, p. 17).

¹⁶ “A Buchada quando a gente começou era o seguinte: saímos cinco vezes... saímos nos 4 sábados antes do carnaval e saímos no sábado depois do carnaval, que a gente chamava do ‘Caldo da Buchada, que era depois do carnaval. O que aconteceu, com um tempo, foi que algumas pessoas da igreja começaram a criticar a gente por conta da quaresma, aí eu disse que ‘brigou com a Buchada, brigo com todo mundo, mas com a igreja eu não vou brigar, porque não dá certo, e eu tô fora!’. Aí ficou quatro dias antes do carnaval” (Entrevista de Jerônimo Osterne, realizada em 11/02/2020).

¹⁷ A dinâmica de transformações religiosas que o Brasil atravessa desde os anos 1980 – com a diminuição de católicos, o crescimento massivo de evangélicos, o reforço de identidades religiosas no espaço público e o aumento de conflitos religiosos (Teixeira, Menezes, 2006; 2013) – provocaria ressonâncias nas práticas culturais consideradas tradicionais e populares. À medida que a reconfiguração religiosa do país coloca as concepções tradicionais sobre a cultura nacional em suspensão, surgem disputas pela inclusão de certas práticas na narrativa nacional e há condenações de outras cuja exclusão se almeja alcançar (Menezes; Bártolo, 2019, p. 20).

proporcionar a experiência de viver, em um curto período, uma vida almejada por muitos e caracterizada pelos excessos, liberdade, igualdade e de alegrias, ou seja, uma vida utópica.

Contudo, chegamos à versão de que é contraditório, mas também não é errôneo, opor sagrado/profano, pois essas duas ordens se mesclam e alimentam-se uma da outra, muito embora estejamos cientes dos esforços da igreja de se opor ao carnaval, fazendo propagar o discurso de festa demoníaca. No entanto, é claro para nós que houve uma convergência entre essas duas modalidades e que sobrevive há séculos, diante da espetacularização a cada ano, nas avenidas ou nas melodias, como bem versa Caetano Veloso: “O Carnaval é invenção do Diabo que Deus abençoou”¹⁸.

3. O salão e a rua: os espaços carnavalescos

No Brasil, a programação carnavalesca, no geral, é constituída sempre com as mesmas opções de festas: os desfiles das escolas de samba e os blocos de rua. No entanto, nem sempre as ruas e avenidas foram palcos para esse grande momento do ano. Diante da historicidade da festa, o espaço público foi por muito tempo considerado o local dos subordinados, sendo para os mais abonados financeiramente um espaço inapropriado para a sua presença. Diante disso, tais esferas sociais ocuparam locais diferentes durante a festa, delimitando assim seus espaços de atuação entre o salão e a rua.

Os bailes carnavalescos eram realizados em clubes, teatros, boates, locais que gerassem o sentimento de proteção e organização perante aos frequentadores. Outro ponto importante a se destacar era de que eles, faziam questão de mostrar para a sociedade a superioridade dos seus bailes ante aos pequenos “grupos de sujos”. Esses grupos seriam o que atualmente conhecemos como blocos populares de rua, que tornaram esse espaço o seu destino natural para a festa. Estamos falando da metade do século XIX, no Brasil, onde na então capital do país, Rio de Janeiro, os espaços elitistas eram aqueles que transpareciam segurança, organização e que colocavam em evidência a distinção ao carnaval periférico, que era humilde e miscigenado.

Em 1853, é estabelecida a portaria do chefe de polícia, que determinou o Entrudo como uma prática violenta e proibindo sua prática. A população pobre tenta encontrar soluções para a renovação da festa desde que o “jogo” foi proibido, pois viam-se sem condições de ostentar qualquer luxo como as manifestações burguesas. Neste caso, começou-se a organizar nos bairros e nas favelas as festas na base do *zé-pereiras*¹⁹ e *sujos*²⁰, que seriam

¹⁸ “Deus e o Diabo”. Álbum: “Caetano...muitos carnavais...” 2005.

¹⁹ “Sabe-se que o primeiro foi organizado em 1846 e, sempre nos sábados dos dias carnavalescos, aparecia o alegre português, montado num cavalo; ambos, bastante enfeitados “puxavam um cordão” que cantava sempre a mesma marchinha: Viva Zé

versões melhoradas do antigo Entrudo. Os cortejos dariam lugar aos confetes e serpentinas, substituindo a água, farinha e lama.

Por outro lado, os carnavais de salão, ou os bailes, aconteciam com sucesso por serem realizados em locais fechados, e até mesmo em algumas residências, quando estes eram estritamente privados. Queiroz (1992) menciona dois tipos de bailes que existiam no Rio de Janeiro, denominados: os de "famílias" e os "populares"

Os bailes de "famílias" eram organizados através de uma lista de convidados, geralmente feita com base nos noticiários sobre a sociedade da época, que seriam os únicos que poderiam comprar os ingressos, caso quisessem participar do evento. Nos grandes bailes, a indumentária elegante, "o smoking preto ou branco, as mulheres em longos luxuosos, porém discretos" (Queiroz, 1992, p. 104) favorece a distinção dos anônimos foliões dos bailes populares. Estes também seriam festas privadas, mas, não existia uma lista onde os frequentadores seriam selecionados. Nestes encontros, havia a presença de turistas e da população com status medianos, onde os excessos pediam a presença constante da polícia no local²¹. Tanto nos bailes de "família" como nos "populares", a exigência da compra de ingressos tinha um motivo: os gastos por trás da festa. Para a realização dos bailes, era exigida uma infraestrutura fundamental, que proporcionasse o sucesso da festa²².

Na rua, o carnaval não exigia nada além da vontade de festejar, pois era caracterizado por grupos de pessoas trajados de qualquer maneira, que se deslocavam até as praias e ruas da cidade para cantar e dançar com os instrumentos improvisados (Queiroz, 1992). O Carnaval popular de rua é composto pelas camadas inferiores urbanas, que embaladas por estilos da cultura africana e europeia, saíam pelas ruas nos dias de carnaval e assim foram ganhando espaço perante a sociedade²³.

As escolas de samba também se configuram como um carnaval popular, no entanto, como já foi abordado no tópico anterior, a proposta é diferente das dos blocos de rua. A diferença mais importante está em sua origem, pois os grupos de rua partem de uma iniciativa

Pereira/ Que a ninguém faz mal! / Viva a Zé Pereira/ Nos dias de Carnaval/ Viva Zé! / Viva Zé!/ Viva Zé Pereira!" (SEBE, 1986, pg. 62)

²⁰ "Saíam às ruas com velhas fantasias e iam irreverentemente mexendo com a multidão e promovendo uma possível "inversão da ordem" de maneira cômica e menos dominada" (SEBE, 1986, pg. 62)

²¹ "Reúnem em geral entre duas mil e cinco mil pessoas; nele são encontrados, além dos cariocas, grande quantidade de turistas vindos de outros estados ou do exterior. Não raro a quantidade de ingressos vendidos ultrapassa o que comporta o salão [...]" (Queiroz, 1992, pág. 126).

²² (...) o reforço ou instalação de aparelhos de ar-condicionado e de som; bufê, copa, cozinha que demandam coortes de cozinheiro, de garçons (...) empregados e empregadas para vestiários e sanitários; pronto-socorro médico com todo o pessoal indispensável; um corpo importante de policiais civis e militares para assegurar a ordem. A despesa mais importante, fundamental, é com a bateria, da qual depende em grande parte o êxito do baile (...) (Queiroz, 1991, p. 126).

²³ "Negros e mulatos haviam adotado os mesmos dias de festejos dos brancos e praticamente as mesmas maneiras de se divertir; durante os Dias Gordos fantasiavam-se e, colhendo nas ruas as sobras dos folguedos dos ricos, realizavam com eles batalhas de confete e serpentina, no que eram acompanhados pelos descendentes de imigrantes que não dispunham de posses para gastos" (Queiroz, 1992, p. 55).

da sociedade, desde o velho Entrudo, que contém grande quantidade de pessoas negras e mulatas, os quais não têm meios econômicos de construírem uma festa com muitos requintes. As escolas de samba, no entanto, partem, de início, de uma ação de grupos de pessoas assalariadas, que também tinha a participação de negros e mulatos, porém estes possuíam meios para arcar com a participação nos desfiles na avenida, já que eram sujeitos remunerados e, por isso, considerados “de bem”.

As músicas carnavalescas também diferenciavam os tipos de festa que existiam. No grande carnaval, não há registros de músicas próprias, pois eram animadas por orquestras que tocavam sempre as mesmas trilhas sonoras, embaladas por valsas, polcas, xotes, ou seja, tudo o que vinha da Europa. Isso muda em 1899, quando a maestrina e compositora Chiquinha Gonzaga²⁴ lança a marchinha “Ó abre alas”, dentre outras, que viriam a ser sucessos nos bailes de Carnaval do Rio de Janeiro.

Passamos agora a analisar o discurso de que o Carnaval criaria uma outra versão da vida, diferente do cotidiano, onde a igualdade perante a sociedade entraria em vigência temporariamente. Quando estudamos as manifestações carnavalescas no Brasil, percebemos que essa ideia não passa de uma utopia almejada pelos brincantes, pois ainda percebemos as hierarquias sociais do cotidiano, sejam elas econômicas, étnicas, raciais ou de orientação sexual, em vigência. A empolgação perante a festa faz com que os brincantes não as percebam como no dia a dia, acreditando assim que estão em plena igualdade com os demais na festa.

Sabemos, no entanto, que esse pensamento pode ser facilmente desconstruído pois as elites são protegidas, primeiramente, pelo dinheiro que possuem, que barra a participação de quem não é do mesmo nível social deles; segundo pelo aparato policial. Quando estão “salvos” de contatos indesejáveis, divertem-se tranquilamente, longe dos perigos. Queiroz (1992) relata que nos bailes populares, existia a presença da burguesia que fazia questão de ir para mostrar-se superiores, avistando a população festejando, espremidos pela multidão, dos seus camarotes.

Na visão de Queiroz (1992), o Carnaval não torna a sociedade igual, os inferiores não estariam no mesmo patamar dos ricos, as desigualdades estão presentes, assim como na rotina diária da população. No entanto, esse período festivo é tão esperado pelo povo, que os fazem acreditar que poderão agir em total liberdade e igualdade, e acabam “fechando os olhos” para a realidade.

²⁴ Chiquinha Gonzaga (1847-1935) foi uma pianista, maestrina e compositora carioca. Considerada uma das maiores influências da música popular brasileira, era neta de uma escrava liberta e foi a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil.

4. Considerações finais

Diante dessas discussões, buscamos abordar a diferença entre dois espaços que comportam a mesma festa, que como vimos, mesmo com o discurso de que no Carnaval “os participantes buscavam nos bailes a realização de uma sociedade alternativa, na qual reinariam a igualdade e a permissividade, em completo acordo” (Queiroz, 1992, p. 123), ainda é existente as hierarquias do cotidiano. A tal “liberdade provisória” está limitada pelas autoridades, que separam e abordam de forma diferente o que é de rico e o que é da população pobre.

Na vestimenta, nos camarotes e nos espaços, percebemos as diferenças entre as classes sociais na forma como brincam. Quando observamos aqueles que participam como podem, dos que trabalham na festa, aqueles que apenas observam e de onde observam, tudo isso contradiz o discurso de uma possível sociedade igualitária que poderia existir no carnaval.

Nesse caso, isso seria mais uma pretensão do que a realidade. Os comportamentos daqueles que brincavam no carnaval, seja no passado e atualmente, estão guiados pelos mesmos valores sociais e normas estabelecidas no cotidiano. O fato da rua hoje ser o palco principal do Carnaval em que o mesmo espaço encontram-se ricos e pobres, não mascara a evidência de uma hierarquia ali presente, seja pelo abadá usado ou por quem está dentro e fora dos cordões, trabalhando ou assistindo, ou nos camarotes.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média*: o contexto de François Rabelais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987
- BORGES, Vanda Lúcia de Souza. *Carnaval de Fortaleza*: tradições e mutações. Fortaleza: Editora UFC, 2007
- COSTA, Haroldo. *Política e Religião no Carnaval*. São Paulo: Editora Irmãos Vitale S/A Indústria e Comércio, 2007.
- ELIADE, Mircea, 1907 1986. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MENEZES, Renata; BÁRTOLO, Lucas. Quando a devoção e o carnaval se encontram. *Revista de Antropologia e Arte*, Unicamp, p. 96-121, 2019.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval brasileiro*: o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- SEBE, José Carlos. *Carnaval, carnavais*. Editora Ática, 1986.
- SILVA, Leonardo Santana da. Carlo Ginzburg: o conceito de circularidade cultural e sua aplicação nos estudos sobre música popular brasileira. *Rev. Augustus*. Rio de Janeiro, v. 22. nº 43. p.72-83, 2017.
- TINHORÃO, José Ramos. Entrevista. *Revista Nossa História*. São Paulo, v. 2, nº 16. p. 40-43, 2005.